

# MARCADORES SOCIAIS

Várias formas de diferença e desigualdade convivem na sociedade contemporânea. Ao longo de suas trajetórias de vida, os indivíduos se identificam e se diferenciam dos outros das mais diversas maneiras - ao mesmo tempo em que podem ser classificados de diversos modos e sofrer processos de discriminação e desigualdade.

Neste artigo, pretende-se apresentar uma breve introdução aos marcadores sociais da diferença, uma perspectiva teórica sobre tais questões.

Marcadores sociais da diferença são sistemas de classificação que organizam a experiência ao identificar certos indivíduos com determinadas categorias sociais.



# // Um modo de olhar para as diversas formas de diferença e desigualdade presentes na sociedade contemporânea.

Marcio Zamboni\*

Em termos de raça, por exemplo, os indivíduos podem ser classificados como negros ou brancos, morenos ou mulatos, asiáticos ou indígenas. Cada uma dessas categorias de classificação está associada a uma determinada posição social, possui uma história e atribui certas características em comum aos indivíduos nela agrupados. O mesmo vale para

gênero (homens e mulheres, machões e princesas, travestis e transexuais), sexualidade (hétero e homossexuais, gays e lésbicas, bissexuais e sadomasoquistas), classe (ricos e pobres, classe média e proletariado, profissionais liberais e moradores de rua) e geração (jovens e idosos, adultos e adolescentes, coroas e crianças), entre outros.





//...os marcadores sociais da diferença nunca aparecem de forma isolada, eles estão sempre articulados na experiência dos indivíduos, no discurso e na política.

Não existe uma lista fechada e definitiva dizendo quais são os marcadores sociais da diferença. Os mencionados no último parágrafo têm sido frequentemente estudados e se mostrado fundamentais para compreender a sociedade brasileira contemporânea.

Enumeremos alguns aspectos que caracterizam esta perspectiva de análise. Em primeiro lugar, as diferenças e desigualdades entre os homens não são naturais. Elas são construídas socialmente e precisam ser contextualizadas em termos de tempo e espaço. Em segundo lugar, os marcadores sociais da diferença nunca aparecem de forma isolada, eles estão sempre articulados na experiência dos indivíduos, no discurso e na política. Finalmente, os sistemas de classificação estão intimamente ligados às relações de poder. Estão, portanto, sempre em disputa - das relações pessoais à política internacional. A seguir, desenvolveremos melhor cada um desses aspectos.

## Diferença e Desigualdade

Os seres humanos se mostram como diferentes uns dos outros das mais diversas formas e em múltiplas dimensões. Mostram-se diferentes nos formatos, cores e proporções corporais, nos usos do corpo e da linguagem, nas maneiras de se alimentar, de se vestir e de consumir bens e nos meios de se relacionar com outros - seja em esportes, seja em brigas ou em práticas sexuais. Cada indivíduo compartilha com outros algumas dessas características e não as compartilha com outros.

Entre essas características, algumas têm um peso profundo na definição da experiência dos indivíduos. Elas estão ligadas a relações de poder e sistemas de dominação mais amplos, sendo responsáveis pela produção e reprodução de desigualdades. É para refletir sobre esse tipo de diferença que a perspectiva dos marcadores sociais da diferença foi elaborada.

O significado de ser classificado socialmente como negro, por exemplo, não é o mesmo se olharmos para o Brasil do século XIX ou no século XXI. No século XIX, a pele negra remetia diretamente à escravidão e ao trabalho braçal (fosse ele na plantação ou na casa-grande). As diferenças eram asseguradas por um sistema de dominação que tratava negros como objetos, negando direitos políticos e perpetrando castigos físicos. Mais de um século depois, grande parte da desigualdade permanece, mas seus significados são muito distintos. O racismo é vivido dentro de um sistema capitalista e a desigualdade é em grande parte traduzida em termos de disparidades de acesso ao mercado de trabalho e a bens de consumo. A discriminação convive também com movimentos sociais que valorizam a cultura e a identidade afro-brasileiras, alterando os significados da classificação.

Se a cor da pele é um aspecto da diversidade humana, a raça (efeito de uma dinâmica de classificação atravessada por relações de poder) é um marcador social da diferença. Não há nada na cor da pele em si que a associe a um ou outro tipo de trabalho, à pobreza ou à riqueza, a uma ou outra expressão cultural. É preciso sempre entender que relações sociais estão em jogo em um determinado momento histórico, dando sentido a essas características. Vejamos outro exemplo.

O desejo de fazer sexo com homens é considerado um sentimento completamente normal para uma mulher de 30 anos de classe média em um grande centro urbano. Para uma jovem de uma família tradicional do interior do Brasil na década de 1950, no entanto, este poderia ser um pecado ou uma mania perigosa – que justificaria uma vigilância cuidadosa dos familiares e das autoridades religiosas. Para um senhor inglês de meia-idade do começo do século XX, então, um desejo como esse seria sintoma de uma doença gravíssima, ou até mesmo um crime – já que em muitos países, as práticas homossexuais foram tratadas como tal (e em outros ainda é).

Não há nada nessa atitude (se imaginar fazendo sexo com um homem) que leve naturalmente a nenhuma dessas reações. As formas como os eventos se encadeiam dependem de representações sociais, do lugar social dos indivíduos envolvidos e de um determinado contexto (histórico e político). Um desejo semelhante pode levar indivíduos diferentes a um bar, ao confessionário ou à cela de uma prisão. Tudo depende se o universo social no qual se está inserido o vê como homem ou mulher, como criança ou adulto, como normal, criminoso ou doente.

Se o desejo sexual por corpos masculinos é uma experiência possível para qualquer ser humano, a sexualidade (efeito de uma dinâmica de classificação

e hierarquização de comportamentos sexuais) é um marcador social da diferença.

Nesses dois exemplos, vimos também como as categorias de diferença nunca andam sozinhas. Elas sempre implicam outras. Ou, poderíamos dizer, elas se constroem umas através das outras. Não é possível falar de racismo sem falar das condições de trabalho a que são submetidos mulheres e homens negros e, portanto, da classe social a que pertencem. Nem é possível discutir a homofobia (discriminação de homossexuais) sem considerar o que se espera de homens e mulheres na nossa sociedade, ou seja, as relações de gênero.

## Articulações

Para desenvolver essa questão, analisemos rapidamente o debate que acompanhou a aprovação do projeto de lei que regulamentava o trabalho doméstico no Brasil no ano de 2013. Tratava-se, a princípio, de uma questão de classe: os direitos de uma determinada categoria de trabalhadores. Mas em todas as notícias sobre o tema, emerge também a questão de gênero: pelo menos 90% do trabalho doméstico é realizado por mulheres. Não é à toa que a lei ficou popularmente conhecida como “PEC das domésticas”, independentemente do fato de que o texto da lei não especifica o sexo dos trabalhadores beneficiados. Trata-se, também, de uma questão racial: não apenas a maior parte dos trabalhadores domésticos é negra, mas também o próprio trabalho doméstico é visto como um “trabalho de negros”. Essa associação é em grande parte uma herança dos tempos da escravidão, quando o este tipo de trabalho era majoritariamente realizado por escravos de origem africana.

A polêmica gerada por outra categoria profissional alguns meses depois pode nos ajudar a entender melhor essa complicada dinâmica de interação entre marcadores sociais da diferença: trata-se do caso do programa “Mais Médicos”. Nesse episódio, o Governo Federal decidiu importar médicos formados em Cuba para enfrentar a escassez de profissionais em algumas áreas de atuação (particularmente aquelas ligadas à saúde da população carente). A medida provocou indignação de parte da classe médica brasileira (especialmente dos estudantes), majoritariamente branca e proveniente da elite.

Em meio à atmosfera geral de desqualificação desses profissionais, uma jornalista afirmou nas redes sociais que “essas médicas cubanas tem uma cara de empregada doméstica!”. É importante notar que maior parte delas, assim como a maior parte da população de Cuba, era negra. A

mesma jornalista dizia, em seguida, que “Médico, geralmente, tem postura, tem cara de médico, se impõe a partir da aparência”. Fica claro nesse caso que a medicina (assim como o trabalho doméstico) tem gênero (masculino), classe (postura) e raça (aparência).

O que está em jogo quando se opõe um “médico com cara e postura de médico” e uma “médica com cara de empregada doméstica”? Trata-se de uma disputa de poder que pretende colocar “cada um em seu lugar”. Quem é digno de ser médico e quem é digno de ser empregada? Não se trata apenas de uma questão profissional. Vários marcadores sociais da diferença estão envolvidos nessa disputa. A articulação entre esses marcadores é tão profunda nesse jogo que as categorias profissionais só ganham sentido quando articuladas a raça e gênero - ao mesmo tempo em que essas categorias podem ser usadas para falar de gênero e raça.

A dinâmica de classificação e de articulação entre diversas formas de classificação é, portanto, uma questão fundamental para produção e reprodução de desigualdades sociais. Vejamos como os movimentos sociais que buscam combater essas desigualdades têm atuado para colocar esses temas na agenda política.

## Disputas políticas

Desde o século XIX, as desigualdades de caráter econômico (diferenças de classe) ocupam um lugar central nos movimentos sociais que questionam a ordem social vigente. Essa centralidade se deve, em grande medida, à influência da tradição de pensamento marxista e à força dos movimentos socialista e comunista. Por muito tempo outras formas de desigualdade, como as diferenças de raça e de gênero, foram pensadas como secundárias, como subprodutos da dominação capitalista que tenderiam a desaparecer com o sucesso de uma revolução socialista. Na linguagem da luta de classes, havia pouco espaço para pensar, por exemplo, as formas de discriminação contra mulheres, negros e homossexuais.

As manifestações que irromperam ao redor do mundo a partir de maio de 1968 (tendo como centro os levantes realizados na França) são considerados um marco na emergência dos chamados Novos Movimentos Sociais. Esses se caracterizam por questionar a centralidade da identidade de classe como base da organização política - passam a ter como foco a questão da mulher, da liberdade sexual, do meio ambiente, da igualdade racial e dos direitos dos aposentados, entre outros.

Esse tipo de movimento já existia, evidentemente, há muito tempo. Pelo menos, desde o início do século XIX,

mulheres e negros têm formado organizações para lutar pela igualdade de direitos, e podemos ver, ao longo de todo o século XX, homossexuais combatendo a discriminação. Os levantes de maio de 1968 marcam, no entanto, um momento de proliferação sem precedentes - que colocaria essa multiplicidade de demandas e sujeitos de ação no centro da vida política.

De forma semelhante ao que ocorreu com o marxismo desde finais do século XIX, as demandas desses movimentos foram entrando na pauta dos debates acadêmicos - o que se deve em grande parte à atuação política de militantes dentro das universidades. A produção intelectual se alimentava dos movimentos sociais e vice-versa. A perspectiva dos marcadores sociais da diferença surge justamente nesse rico universo de trocas, a partir da articulação entre pesquisadores do campo das relações raciais com pesquisadores da área de gênero e sexualidade.

A multiplicidade de sujeitos e demandas tem potencialidades e problemas particulares. Ela permite, por um lado, colocar um leque mais amplo de pautas na agenda política: não discutimos apenas o problema da distribuição de renda, mas também os problemas do racismo, do machismo, da homofobia, etc. Por outro lado, vemos que as pautas dos movimentos sociais podem não confluir e até mesmo entrar em conflito. São desafios constantes, por exemplo, as acusações de machismo no movimento negro, a dificuldade do feminismo em incorporar mulheres trans e as demandas específicas de mulheres negras e pobres e a relativa invisibilidade de mulheres lésbicas e de pessoas trans no movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros). A experiência de um tipo de discriminação por um grupo infelizmente não previne a prática de outros tipos de discriminação.

O Brasil apresenta um cenário particular nesse sentido. A coordenação da luta pelo fim da Ditadura Militar acabaria por criar diversas formas de aliança entre os movimentos sindicais, negros, feministas e o emergente movimento homossexual. Especialmente a partir dos anos 1980, os valores da Democracia e da Igualdade emergiram como ideais capazes de aglutinar atores muito diversos. A campanha “Diretas Já” é talvez a expressão mais emblemática dessa mobilização.

De forma semelhante, a onda de protestos que irrompeu no país em junho de 2013 (e que ainda reverbera) parece ter criado um novo momento de articulação possível entre as





// A perspectiva dos marcadores sociais da diferença oferece um instrumental útil para entender a complexidade desse momento, tanto em termos de seu potencial quanto de seus desafios.

pautas de muitos movimentos. É o caso dos problemas do aumento do custo de vida nas cidades e da mobilidade urbana. Um dos gritos que marcou as manifestações na cidade do Rio de Janeiro era justamente: “A luta unificou travesti, Black Block e professor!”. Esse grito, ao mesmo tempo em que reconhece as diferenças internas entre as categorias de manifestantes, afirma que há causas comuns (uma luta) capazes de produzir identificação e mobilização política.

A perspectiva dos marcadores sociais da diferença oferece um instrumental útil para entender a complexidade desse momento, tanto em termos de seu potencial quanto de seus desafios. Ela aponta, por um lado, para a semelhança entre os diversos processos de produção de desigualdade e para as possibilidades de aliança entre os atores que lutam contra eles. Ela nos alerta, por outro, para as articulações perversas entre formas de desigualdade e sobre os conflitos entre sujeitos de discriminações distintas (como entre

homens negros e mulheres, mulheres brancas e homens pobres, homens gays e travestis). Para além de questões para cientistas sociais e acadêmicos, esses são problemas do interesse de todos aqueles preocupados em transformar a realidade.

\*Marcio Zamboni é antropólogo, desenhista e pesquisador do Núcleo de Estudos de Marcadores Sociais da Diferença da Universidade de São Paulo (NUMAS-USP), São Paulo-SP.

Site pessoal: <http://www.marciozamboni.com.br>.

Página do NUMAS no Facebook: <https://www.facebook.com/numasusp>.

#### Referências bibliográficas:

ALMEIDA, Heloísa Buarque de; SZWAKO, José (Orgs.). *Diferenças, Igualdade*. São Paulo: Berlandis & Vertecchia Editores, 2012.

CARRARA, Sérgio; SIMOES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 28, 2007.

MOUTINHO, Laura. “Negociando com a adversidade: reflexões sobre “raça”, (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro”. *Rev. Estud. Fem.* 2006, vol. 14, no. 1, pp. 103-116.

SALLUM, Brasília. Classes, cultura e ação coletiva. *Lua Nova. Revista de Cultura e Política*, São Paulo, v. 65, p. 11-42, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. *Senado aprova mais direitos aos trabalhadores domésticos*. Estado de São Paulo, 26/03/2013. Link: <http://topicos.estadao.com.br/pec-domesticas>.

*Jornalista diz que médicas cubanas tem “cara de empregada doméstica”*. Folha de São Paulo, 27/08/2013. Link: <http://folha.com/no1332962>.